

## A MAIOR REPÚBLICA DE ESTUDANTES DO CEARÁ

---

MARTINS D'ALVAREZ

Esta é uma história antiga, de mais de cinquenta anos atrás, uma Fortaleza um tanto provinciana, mas profundamente gostosa, onde a Praça do Ferreira era o coração palpitante da cidade e havia Cafés para a gente sentar e bater-papo, tomar pega-pinto gelado, ouvir anedotas e piadas de intelectuais como Quintino Cunha e Leonardo Mota e havia até a Academia Polimática, sob a presidência de Euclides César, que tratava os seus pares de “Espiritual Confrade”.

De uma Fortaleza alegre e divertida, cheia de estudantes que realmente estudavam. Com três faculdades apenas, Direito, Farmácia e Odontologia e Agronomia, e o velho casarão do Liceu plantado em frente a duas grandes mongubeiras na Praça dos Voluntários da Pátria.

O número de colégios particulares era bem grande e havia uma guerrinha de bastidores entre os estudantes do Liceu e do Colégio Castelo. É que a gente do Liceu quebrava bondes, vez por outra estava às voltas com a Polícia e a do Castelo, metida a bem comportada, não queria saber de baderna. Isso dava raiva e o Liceu vivia marcando o Castelo.

Nesse tempo, a grande cidadela da estudantada em Fortaleza era o Hotel Avenida, imenso sobradão solidamente encajado na esquina da Rua Barão do Rio Branco com a Guilherme Rocha. O seu proprietário era o Abílio, criatura adorável que conseguia o milagre de manter relativa ordem na generalizada desordem de mais de uma centena de estudantes jovens, procedentes de todo interior do Ceará e adjacências. Abílio era um verdadeiro pai para todos nós, sem família na Capital, fornecendo-nos abrigo e alimentação por cinquenta mil réis por mês. E quem adoecia, podia contar com a sua assistência e até com médico, se fosse preciso, pois amava a todos como filhos.

Em represália aos hotéis da cidade que traziam uma tabuleta no vestíbulo: — “NÃO SE ACEITA ESTUDANTES” — a rapaziada do Avenida ostentava, em letras garrafais, no corredor de entrada: — “PROIBIDO PARA FAMÍLIAS”.

Durante o período em que fiz os meus preparatórios no Liceu fui hóspede permanente do Avenida. Lá morei no mesmo quarto com dois excelentes companheiros: Raimundo Alves e Levino Bezerra. Raimundo Alves só estudava lendo alto e eu, graças à boa memória que sempre tive, embalando-me na rede e fazendo do livro travesseiro, aprendia tudo que ele recitava vezes seguidas, sem precisar queimar as pestanas. Quando frequentávamos as aulas, o Raimundo admirava-se de meus conhecimentos sobre a matéria, sem jamais me ver estudar. E eu, simplesmente, lhe dizia que descobrira um novo método de aprendizagem: — deitava a cabeça sobre o livro, concentrava-me no “ponto” e os conhecimentos me vinham por osmose. O Raimundo ria desconfiado, abanava a cabeça, mas não parecia atinar com o meu expediente. Se isso acontecesse, passaria a me castigar com leitura silenciosa.

O Levino raramente estudava, não era aluno do Liceu e se preparava para o vestibular de Farmácia com professores particulares. Parecia ser filho de um matuto rico do interior do Estado. Trajava-se muito bem e andava com dinheiro farto no bolso. Mas, as boas roupas eram só para uso externo. O uniforme interno do Avenida não ia além da cueca, geralmente dispensável na intimidade de cada quarto. Quando nos debruçávamos nas janelas, vestíamos a blusa do pijama. Era norma geral.

Com isso, fazíamos uma grande economia, sobretudo de lavagem de roupa. A lavadeira de quase todos nós era a Mariana, uma velha mulata acostuada com os nossos hábitos de nudismo, a única mulher que circulava livremente no Avenida e ajudava os cozinheiros no preparo das refeições.

Como o nosso quarto possuía uma janela que se abria para a cozinha, aconteceu, certa vez, uma cena tragi-cômica que vale a pena recordar.

Estávamos, numa bonita manhã de domingo, debruçados na janela que dava para a Rua Guilherme Rocha, observando o movimento das garotas que iam para a missa da igreja do Patrocínio, quando ouvimos um grito do Levino, que não se jogou na rua porque eu e Raimundo o seguramos. É que alguém da cozinha arremessou um maxixe quente que se encaixou entre as pernas do nosso companheiro e ele, reagindo ao inesperado impacto, o esmagou entre as coxas.

O Levino, alucinado de dor, apanhou de uma tranca da porta e correu como um louco para a cozinha, em busca do autor do es-

túpido atentado. Procura inútil. Ninguém na cozinha ou imediações para responder pelo delito. E o resto foi o trabalho que tivemos para acalmar o colega e os curativos da queimadura com manteiga de cacau.

Quando a notícia se espalhou pelo hotel, choveram visitas para o doente que, visivelmente irritado, não podia negar-se a abrir as pernas para mostrar a vasta queimadura. O pior é que todos lamentavam, mas saíam rindo, pois o autor do atentado lograra boa pontaria, alojando o maxixe bem no meio das coxas, obrigando a vítima a esmagá-lo numa súbita reação ao impacto.

Levino tanto berrou que se descobrisse mataria o criminoso, que o mesmo nunca apareceu.

Vizinhos, no quarto ao lado, moravam dois conterrâneos de Crato: Alberto Milfont e Nilo Rolim. Eram duas ótimas criaturas, amigos de todas as horas, também preparatorianos, prestes a entrarem para a Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Era um hábito, entre nós, regociarmos tudo. Mormente no fim do mês, quando as finanças estavam estouradas e a mesada ainda demorava a chegar. Vendiam-se livros, cadernos e resumos de “pontos” para exames, coligidos de vários autores nacionais e estrangeiros. Pondo-se a cabeça para funcionar, inventavam-se outras fontes de renda.

Milfont possuía uma bonita roupa de casimira verde, feita caprichosamente pelo melhor alfaiate de Crato. A roupa bem cintada, no rigor da moda “almofadinha”, se ajustava ao meu corpo como uma luva. No domingo em que Milfont não a vestia, costumava alugar-me, sob a condição de não amassá-la nem sujá-la. E ele passava o dia me policiando, de longe, para não dar na vista dos colegas. Mas, a roupa só ficava impecável se o Nilo Rolim, que calçava comigo, me alugasse o seu bonito sapato de verniz, com uma faixa amarela no centro, bico muito fino, tipo “Pé de anjo” e que o Nilo, depois do dia vinte do mês, quase sempre *pronto*, não resistia á tentativa dos dois mil réis do aluguel. Eu tanto alugava aquela moderna “casca” de almofadinha, que já comprara um chapéu, naquele tempo indispensável, de massa verde, com fita e debrum branco na aba, que bem se harmonizava com a indumentária e me dava um ar de perfeito janota. Esse chapéu eu também alugava aos companheiros quando não saía com ele, pois para o diário possuía um outro de palhinha.

A turma de minha intimidade sempre troçava quando me via envergando a fatiota verde:

— “Você, quando se mete nesta roupa verde, visto de longe, parece um feixe de capim”.

No tempo do Avenida, as nossas distrações habituais eram bater-papo nos cafés, especialmente no Riche e no Art-Nouveaux, nas esquinas da Guilherme Rocha com a Praça do Ferreira ou nas retretas semanais, tanto da Praça quanto do Passeio Público, onde as classes sociais naturalmente se separavam em três alamedas distintas: a primeira, voltada para o mar, era ocupada pela alta sociedade; a segunda, pela classe média e a terceira e última, pela gente pobre, empregadas e soldados de polícia e operários e mocinhas humildes dos subúrbios. Isso se fazia sem qualquer interferência estranha, por simples decisão popular.

Durante essas retretas semanais, a Banda de Música do 23 Batalhão de Caçadores, tocava, no coreto da Praça, animando aqueles ajuntamentos familiares.

Comparecíamos regularmente às retretas, porque aí arranjávamos as nossas namoradas e exibíamos as roupas domingueiras.

Outro lugar, também, de convivência cotidiana com estudantes amigos, era a sombra das mongubeiras, defronte do Liceu. Aí formávamos grupos homogêneos que articulavam brincadeiras e badernas, enquanto esperávamos que Zé Grande ou Monteiro, aos gritos, nos chamasse para as aulas. Companheiros das mongubeiras foram: — Djacir Meneses e Carlos de Oliveira Ramos, ambos, atualmente, no Rio de Janeiro; Virglio Firmeza e Moésio Rolim — orador admirável; Florival Seraine, o *Fuluca*, considerado um menino prodígio, que chamava atenção pela extraordinária inteligência que manifestava para a sua pouca idade; o Benevides “Pata Choca”, de quem nunca mais tive notícias; os companheiros de nossa revista estudantil A IDÉIA, da qual fiz parte, enquanto frequentei o Liceu e de onde saíram muitos colaboradores da *Jandáia* de Aldo Prado, e as três únicas meninas que eram nossas colegas: — Juraci de Sá Roriz, Auri Moura e Ester Pereira. É que muitos nomes de alunos daquele tempo omito nesse ligeiro relato. Um, porém, merece registro especial, embora não lhe cite o nome. Estudante avulso e não de curso integral, ele afirmava para nós que colaria todos os preparatórios. Zé Grande passou-lhe muita cola, fabricada pelos colegas nos corredores do edifício, após o sorteio do “ponto” e que era trazida em baixo do copo d’água que ele sempre pedia no meio do exame. O professor Raimundo Ribeiro, certa vez, surpreendeu-o colando, de livro aberto nas pernas, por detrás da carteira. O velho fazia que cochilava, mas percebeu, em tempo, a malandragem. Levantou-se. Foi até perto dele e tomou o livro. Para surpresa geral, segurou o livro aberto no ponto e falou para a classe:

— Os senhores estão sendo roubados por este moço. Vamos ser justos. Ele vai ditar para todos o ponto sorteado. Copiem com

inteligência que vou para a porta ver quando o Eliézer se aproxima.

Dr. Eliézer Studart era o fiscal federal do Liceu. E o velho mestre, a mãe boa de todos nós, ficou plantado na porta, sem qualquer demonstração de mágoa ou hostilidade.

Chegou aos ouvidos do fiscal a notícia das peripécias do colega. E ele resolveu dar uma batida inesperada num exame da cadeira do Padre Rodolfo da Cunha, que era também um grande amigo dos estudantes. Entrou e foi direto à carteira do colador. Mas ele, por sorte, tinha em mãos duas folhas de papel, pois estava com uma grande cola entre as páginas da segunda folha. Dr. Eliézer apanhou a primeira folha, abriu e como nada visse, foi devolvendo. Mas, o audacioso colega ofereceu-lhe a segunda folha para que também examinasse, insistindo, para que a abrisse. O fiscal recusou. A primeira página ainda estava em branco. E, sem comentários, afastou-se.

Terminado o exame, o colador irritou-se:

— Já que o fiscal está tão interessado, vou dar-lhe a honra de me passar a cola do derradeiro exame.

Disse e cumpriu a promessa. Sorteado o “ponto”, já tinha combinado com um colega que ficava fora da sala, introduzir a cola em papel de seda dentro de uma caneta, que já fora tinteiro, e quando o fiscal aparecesse pedir que lhe entregasse, avisando-o de que a sua não estava funcionando. Dr. Eliézer, vendo naquilo uma prova de confiança, levou a caneta com a cola ao malandro.

A chegada do fiscal, levantou-se, agradeceu, reverente. Parecia anedota, mas era pura verdade.

Até terminar os meus preparatórios, fui hóspede do Abílio, no Avenida.

Já não existe mais o velho prédio que abrigava a maior República de Estudantes do Ceará e, talvez, do Brasil. Hoje, quando visito Fortaleza, não vejo mais o saudoso “paquete” que foi demolido para dar lugar a novo e moderno edifício com finalidades mais lucrativas, mas não tão humanos quanto antigamente. Gerações de homens ilustres de minha terra passaram pela velha cidadela.

Nesse instante, que tudo caiu no terreno das recordações e das saudades, cabe, apenas, uma interrogação:

— Que foi feito do Abílio?